

Discursos feministas de alunas do ensino secundário: Certezas, ambiguidades e contradições

Luísa Saavedra¹

Este trabalho tem por objectivo analisar o modo como as adolescentes se situam face a questões relacionadas com o género. Para isso foram entrevistadas 19 alunas do 11º ano de escolaridade, provenientes da classe média e da classe trabalhadora.

Partindo duma perspectiva feminista que considera que as mulheres não se distinguem apenas dos homens, mas também das próprias mulheres, pretendemos estudar as diferenças que podem ser induzidas pela classe social (outras categorias sociais, como a etnia ou a orientação sexual, poderiam ser abordadas) e pelo rendimento académico dentro da mesma classe social. Esta conceptualização deu origem a três grupos de alunas: alunas provenientes da classe média com alto rendimento académico (não foi encontrada nenhuma aluna com baixo rendimento académico), alunas provenientes da classe trabalhadora com alto rendimento académico e alunas provenientes da classe trabalhadora com baixo rendimento académico.

Como suporte teórico e metodológico para este trabalho, foi adoptada a análise do discurso, perspectiva que valoriza as relações entre a linguagem e o poder e sublinha a função do discurso enquanto forma de crítica social e cultural (Wood & Kroeger, 2000), concebendo assim a linguagem não como uma entidade abstracta meramente composta por regras gramaticais, mas antes como um meio para analisar interacções sociais (Potter, 1996). A análise do discurso permite pôr em causa conceitos dominantes da psicologia como a doença mental, a inteligência e a personalidade, entre outros, mostrando, através da sua desconstrução, como as categorias que construímos para descrever a realidade cumprem determinadas funções sociais e de poder.

Seguindo esta metodologia, foram identificados três tipos de discursos: “discurso feminista liberal”, “discurso da valorização das diferenças” e “discurso da igualdade entre os géneros”.

Tanto as alunas provenientes da classe média como as alunas provenientes da classe trabalhadora com elevado rendimento académico recorrem preferencialmente aos dois primeiros discursos, ou seja, reconhecem quer diferenças quer desigualdades entre rapazes e raparigas e entre homens e mulheres. O “discurso da igualdade entre os géneros” é praticamente exclusivo das alunas provenientes da classe trabalhadora com baixo rendimento escolar e, neste caso, não são verbalizadas nem desigualdades nem diferenças.

O “discurso feminista liberal” exprime-se, preferencialmente, no reconhecimento de desigualdades de tratamento entre os sexos no mundo do trabalho e de um maior envolvimento das mulheres nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos, em resultado de um menor poder atribuído às mulheres. Nas alunas pertencentes à classe média, as escolhas profissionais efectuadas parecem ter um peso considerável neste discurso, tornando-se o facto mais evidente nos casos em que estão patentes opções por carreiras menos convencionais do ponto de vista do género (engenharia, por exemplo). Estas mesmas opções perspectivam a valorização da carreira profissional em detrimento dos papéis familiares, adiando para uma fase mais tardia o início da vida conjugal e o nascimento dos filhos. Uma diferença parece pontuar-se dentro deste discurso: embora as alunas provenientes da classe média reconheçam as desigualdades no mundo do trabalho, parecem insurgir-se menos contra elas do que as suas colegas com igual rendimento académico mas pertencentes à classe trabalhadora. Simultaneamente, nenhuma destas alunas provenientes da classe trabalhadora faz referência ao facto de pretender dar prioridade à carreira sobre a sua vida pessoal.

¹ Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia

O “discurso da valorização das diferenças” é partilhado entre as alunas provenientes da classe média e as alunas provenientes da classe trabalhadora com alto rendimento académico. Estas adolescentes referem uma eventual mudança, se porventura fossem rapazes, nos projectos vocacionais (embora o discurso transmita múltiplas hesitações, dúvidas e contradições) e também nos pessoais, incidindo neste caso a mudança num menor desejo em abandonar a casa dos pais, ou seja, uma menor preocupação com a independência. Salientam, ainda, um maior sentido de responsabilidade por parte do género feminino - que se traduz num maior envolvimento no estudo e maior competência no mundo profissional - e a menor liberdade concedida pelos pais pelo facto de serem raparigas.

O “discurso da valorização das diferenças” circula preferencialmente em torno do ambiente académico (raparigas mais responsáveis, mais concentradas, melhores alunas), eventualmente por ser o domínio mais próximo das suas experiências pessoais. Neste âmbito, adoptam uma atitude muito próxima das perspectivas divulgadas por Nancy Chodorow (1978) e Carol Gilligan (1982), que enfatizaram a riqueza interior das experiências femininas e a especial capacidade das mulheres para as relações humanas, traduzida numa maior preocupação com o bem-estar dos outros. Estas perspectivas foram alvo de duras críticas por advogarem uma visão essencialista e dicotómica dos atributos que caracterizariam cada um dos géneros, como se estes fossem devidos a características internas das mulheres e dos homens e não um resultado das diferentes experiências que distinguem o género feminino do masculino (Lott, 1990).

Quando as alunas se reportam às diferenças entre os géneros, parecem estar a recorrer a esta fonte discursiva, pois defendem igualmente uma visão dicotómica dos atributos: as raparigas sensíveis, responsáveis e fisicamente frágeis, face aos rapazes insensíveis, irresponsáveis, que só pensam no futebol, mas possuidores de força física.

Algumas alunas chegam mesmo a invocar para as suas explicações o serem feministas. No entanto, e a par destas práticas discursivas, estão patentes interrupções, silêncios e mudanças no sentido da linguagem, significando, muito provavelmente, dificuldades em gerir esta temática, seja porque foi pouco reflectida, seja porque contém, em si mesma, dificuldades mais intrínsecas. Em certos momentos das entrevistas, parece sentir-se como que uma vergonha no reconhecimento das desigualdades, mas também das diferenças entre os géneros.

No “discurso da igualdade entre os géneros” - negação das desigualdades e diferenças -, as alunas desvalorizam as categorias de género, pondo o acento das diferenças na individualidade de cada um; assumem como certo que, pelo facto de ser justa a partilha de tarefas domésticas, essa partilha vai, inevitavelmente, acontecer. Como já dissemos, este discurso enforma as práticas discursivas das alunas provenientes da classe trabalhadora com baixo rendimento escolar. Ao contrário dos conflitos, contradições e ambiguidades patentes nos outros dois discursos, aqui as questões do género são encaradas de uma forma menos conflituosa, com menos contradições e ambiguidades, apresentando-se coloridas por uma visão mais idealista: estas alunas percebem de uma forma quase idílica a conciliação da vida profissional e familiar.

Nesta ordem de ideias, as alunas provenientes da classe média bem como as suas colegas provenientes da classe trabalhadora com alto rendimento académico aparentam maior sensibilidade para o tema das desigualdades. Eventualmente, o próprio capital cultural que possuem à partida (no caso das primeiras) ou vão adquirindo (no caso das segundas) como consequência do seu sucesso académico confere-lhes uma maior capacidade para compreender as abordagens feministas ou outras perspectivas sobre a situação da mulher que são divulgadas nos meios de comunicação social ("sitcoms", notícias na TV, artigos de revistas "femininas", etc.).

No caso das alunas provenientes da classe trabalhadora, a construção de projectos profissionais pouco ambiciosos ou ainda pouco claros (pelo facto de se encontrarem numa situação escolar de baixo rendimento) não facilita a percepção das prováveis desigualdades a que poderiam estar sujeitas noutro contexto profissional. Como refere Skeggs (1997), de uma forma geral as mulheres da classe trabalhadora têm pouca informação sobre o feminismo. O que conhecem é

produto de discursos contraditórios e confusos veiculados pela cultura popular e transmissores de estratégias de demissão.

Por outro lado, autoras que conduziram estudos com raparigas parecem ter-se apercebido de que a palavra “feminismo” não suscita sentimentos muito positivos por parte das jovens (Pipher, 1995; Walter, 1999) devido às imagens que foram sendo passadas para o exterior do que seria o feminismo: vestir de um modo considerado pouco feminino, detestar homens, ler apenas certas revistas e livros, etc. No entanto, quase todas reconhecem que gostariam de ter mais igualdade em casa e no trabalho (Walter, 1999).

Como conclusão, poderia avançar-se com a hipótese de que as alunas que usam como recurso o “discurso feminista liberal” e o “discurso da valorização das diferenças” podem estar à partida melhor equipadas para enfrentar a realidade do mundo adulto; atrasar o casamento e a maternidade são estratégias referidas por mais de uma das alunas. Apesar de serem estratégias individuais e não se perspectivar qualquer estratégia colectiva, as alunas que as adoptam podem conseguir mais benefícios para si próprias do que as suas colegas que recorrem ao “discurso da igualdade entre os géneros”. Além disso, tudo leva a crer que mesmo entre as alunas da classe trabalhadora não existe uma uniformidade discursiva relativamente ao género e que as diferenças verificadas, podem derivar de experiências de vida divergentes em consequência de um alto ou baixo rendimento académico ou das práticas discursivas que lhe deram origem.

Referências

- CHODOROW, Nancy (1978). *The reproduction of mothering: psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press.
- GILLIGAN, Carol (1982). *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- LOTT, Bernice (1990). Dual Natures or learned behaviour: the challenge to feminist psychology. In Rachel T. Hare- Mustin & Jeanne Marecek (Eds.). *Making a Difference: Psychology and the Construction of Gender* (pp. 65-101). London: Yale University Press.
- PIPHER, Mary (1995). *Revising Ophelia: saving the selves of adolescent girls*. New York: Ballantine Book.
- POTTER, Jonathan (1996). *Representing reality: discourse, rhetoric and social construction*. London: Sage.
- SKEGGS, Beverly (1997). *Formations of class & gender*. London: Sage Publications.
- WALTER, Natasha (1999). *The new feminism*. London: Virago Press.
- WOOD, Linda A. & KROEGER, Rolf O. (2000). *Doing discourse analysis: methods for studying action in talk and text*. London: Sage.